

Letraria 

BROCOTOZÁ DE INCERTEZAS

JOSÉ GOMEZ PEREIRA

BROCOTOZÁ DE INCERTEZAS

José Gomes Pereira

BROCOTOZÁ DE INCERTEZAS

Araraquara
Letraria
2020

BROCOTOZÁ DE INCERTEZAS

PROJETO EDITORIAL

Letraria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Letraria

CAPA

Letraria

REVISÃO

Letraria

Brocotozá de incertezas / José Gomes Pereira.
Araraquara: Letraria, 2020.

ISBN: 978-65-86562-17-0

1. Poesia. II. Título

CDD: 869.1 Poesia brasileira

Os textos publicados neste *e-book* são de inteira responsabilidade de seu autor.

Este *e-book* ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio, sem autorização escrita do autor.

DEDICATÓRIA

Obra dedicada a Deus, que por sua infinita e inexplicável misericórdia restituiu as minhas forças. Conforme sua própria Palavra: “Porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.”

AGRADECIMENTOS

Ao José Pereira Filho (*in memoriam*), o inesquecível senhor meu pai.

À Eva Maria Gomes Pereira, a batalhadora senhora minha mãe.

À Joselma Gomes Pereira, minha insubstituível irmã.

Ao Gimo Mazembe Daniel, meu caríssimo cunhado.

À Irani, Ilma e Ismael, meus queridos irmãos.

Ao Geraldo Pereira e filhos, grandes parceiros.

Ao Nilton Pereira e família, pelo acompanhamento de longa data.

Ao Adão Gomes de Brito e família, pela relevante consultoria.

Ao Joaquim Gomes de Brito e família.

Ao Sr. José Horácio e família.

Ao Sr. Jacy Cardoso de Sá e família.

Ao Sr. Altamiro Pereira da Silva e família.

Ao Luís Acioli e família.

Aos demais familiares e amigos.

À Igreja Presbiteriana Betânia do meu coração.

Aos meus honoráveis alunos.

Aos corajosos colegas de magistério.

Ao grande amigo: poeta Benedito C. G. Lima.

Aos demais ilustríssimos poetas e escritores de Corumbá.

ZUMÁRIO

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	10
Brocotozá de incertezas	12
Pequeno céu	14
Engatinhamentos verbais	15
Troços e destroços	16
A morte dançando e fazendo obras de caridade	17
Fábrica de <i>homo sapiens</i>	18
O sonho e a realidade	21
O talento e a técnica	23
Amigo	25
Antagonismos da alma	27
Laboratório de borboletas	28
Feira de cérebros	30
Meus cinquenta reais	32
Sujeitinho desobediente	33
Confusão na Pracinha da Nova Corumbá	35
Subvida cruel	38
O amigo do homem	40
Bonifrate	42
Joselma	45

Paloma	46
Mulher	47
Vida de Maria	49
As profundezas do amor	52
Poema da mulher abandonada	54
Menino da pipa	55
Aranha caranguejeira	57
O beijo	58
Arco do beijo	59
Osmose bilabial	60
Ciúme	66
SOBRE O AUTOR	67

PREFÁCIO

Este trabalho que aqui apresento reúne trinta poemas, inclusive o que intitula o livro, “Brocotozá de incertezas”.

O título veio da observação de um cenário peculiar ao Pantanal, o brocotozá, certo terreno geograficamente amplo, repleto de buracos e outros obstáculos naturais que exige do pantaneiro cuidado e destreza.

Segundo relatos do próprio povo pantaneiro, devido ao difícil acesso, o peão evita passar por esse lugar e apenas passa se não houver outra opção.

Pretendi situar a relação entre o homem e o ambiente em que vive para a reflexão sobre as incongruências interiores de seu coração: um verdadeiro brocotozá de incertezas.

INTRODUÇÃO

Os verdadeiros amigos são tão fundamentais que se tornam insubstituíveis por três grandes motivos: pelo valor da amizade; pela inexplicável satisfação de ajudar sem querer nada em troca e pela confiança conquistada.

O valor de uma amizade não tem preço porque ela se constitui como um inestimável presente de Deus aos homens, que se materializa em acordos, pensamentos e atitudes.

A satisfação de ajudar uma pessoa quando você já sabe que nada vai receber em troca e que ninguém vai saber que você ajudou, bem, essa é uma virtude dos grandes homens.

A confiança conquistada é a coroa incorruptível de uma amizade. Não se dá em palavras, nem se perde em comentários maldosos de pessoas maledicentes. Não se estabelece em julgamentos precipitados, mas está fundamentada na fidelidade.

Amigo que é amigo sofre junto, se alegra junto, briga junto, espera, confia e nunca deixa o outro sozinho.

Portanto, a você que prestigia este trabalho, meu sincero desejo é que o mesmo não se constitua apenas como o produto de quem o escreveu, entretanto, que seja estimado como “o livro dos amigos”.

JOSÉ GOMEZ PEREIRA



BROCOTOZÁ DE INCERTEZAS

BROCOTOZÁ DE INCERTEZAS

Saudade é monopólio das memórias
Vivências, epopeias e saberes
Ditoso degustar de nostalgias
A quem honra os valores do passado
Não há nada que lhe falte nesta vida.

Valorize quem te ama enquanto há tempo
Não vêes que o véu dos anos se desbota?
Atrás o desmanchar de velhos ontens
A morte, a vida e o sonho entrelaçados
E o coração do homem é um brocotozá de incertezas.

Não desprezes de Deus os benefícios
Contempla o sol se pondo em majestade
Pássaros a voar são felicidades encomendadas
Relampejos trazem ventos, raios e mistérios
E a beleza de um novo dia: um espetáculo sem bis.

Faz do perigo tua maior oportunidade
Cada um de nós tem o seu pequi ardendo à boca
Como gato que de cobra não se esquiva
Há quem pise o duro chão mesmo sem bota
Mas cada gato tem sua cobra e cada homem, o seu chão.

Se modesta for a roupa que te cobres
Ou simplório for o pão que te sacias
Não reclames: o teu pouco é o teu bastante
Há milhares de esquecidos pelas ruas
Agradecer é melhor que murmurar.

Pessoas agradecidas são mais felizes
Têm na vida um privilégio e no tempo, um aliado
Com elas aprendemos que todo dia é dia de agradecer.
Valorizemos as amizades pelo que realmente representam
E sinceros, alegremo-nos com o sucesso do amigo.

Seres humanos amargos são sepulturas andantes
Endurecidos pelos espinhos da vida
Tornam-se miseráveis flores murchas
Pessoas saudáveis são pessoas de fé
Delas é de quem o mundo precisa, desesperadamente.

PEQUENO CÉU

Ah! Mas aquele focinho de onça pintada
É o pedacinho mais geladinho
É a bola de gude negrita, colada
É o miúdo graúdo, redondo danado
É o benquisto desejo calado
De espirrar cataratas de amor.

E vejo a morfose nadando no tempo
No templo das águas do rio Paraguai
Rolesco, roliço, rolado o soluço
Que some com a ajuda de um bom tereré
A dona comadre no seu chamamé
Reclama ao compadre seu chá de picão.

O natural é lindo puro
E mora na prosa do povo
Dos lábios bendito-ralados.
E faz luzidia a boiada
Que come da grama molhada
No tempo da chuva insana.

O incrível quase inexistente
O Pantanal é maior
Meu Nabileque é perfeito
Meu Taquari tem biguá
Minha gente é de Corumbá
Meu coração é mel de jati.

ENGATINHAMENTOS VERBAIS

Escrever para provocar

Atrair

Seduzir

Insistir

Resistir

Reinventar

Incomodar

Edificar

Fomentar a discussão e o pensamento.

Ler para fazer valer

Imaginar

Sonhar

Apaixonar

Refletir

Construir

Demolir

Reconstruir

Voltar a ser menino e engatinhar.

E a criança dentro de si a lhe falar:

Os anjos têm graça

Os homens têm pressa

As coisas não vêm por acaso

E a morte não vem só de preto.

Pedra é pedra

Mar é vento

Tempo é tempo

E a vida é bem mais que um coração batendo.

TROÇOS E DESTROÇOS

Brindemos à ousadia da intelectualidade

Mas amigos, é bom lembrar:

Os homo sapiens não são tão sapiens.

E ainda é preciso adocicar com palavras

A alma amarga dos desanimados.

Também sei que há valentes adormecidos

Em cada sombra de silêncio dos inconformados.

Desandar, desiludir, degenerar, desesperar...

Não. O melhor é acreditar.

O poder da cultura é o despertador da humanidade.

A MORTE DANÇANDO E FAZENDO OBRAZ DE CARIDADE

A borboleta, leta, leta
Na violeta, leta, leta
Uma jaqueta, queta, queta
Uma caneta, neta, neta
Agenda preta, preta, preta
Uma lambreta, breta, breta
Olha a mutreta, treta, treta.

Uma careta, reta, reta
É malagueta, gueta, gueta
Rosa, roseta, seta, seta
Muda de letra, letra, letra
Velha xereta, reta, reta
Olha a maleta, leta, leta
Olha a sarjeta, jeta, jeta
Foi-se a violeta, leta, leta.
Tchau borboleta, leta, leta.

É leta por jeta, é jeta por gueta
É breta por preta, é preta por treta
É a sombra pernetta
É a cruz e a trombeta.
Cadê a violeta, leta, leta
Adeus borboleta, leta, leta.

FÁBRICA DE *HOMO ZAPIENS*

Ao lado oposto
Do real imponderável
Mundo embaralhado
Na liberdade engaiolada em forma de vida
Vibra o óvulo fecundo.

Aquilo que ganha
Os pulsos energéticos de forças moleculares
Um dia poderá se tornar
Aquele que o mundo apelida de homem.

Entre a anatomia e a biogenética
O tempo brinca de mestre
E trabalha como aprendiz:
O óvulo torna-se ovo
E hóspede da cavidade uterina.

Ao som de dínamos cardíacos
Como em batuques carnavalescos
Ergue-se o relógio biológico
Que o soberano organismo visualiza
No ovo o embrião se realiza.

Aos cuidados da química construtiva
Que tudo aperfeiçoa e diviniza
Células multiplicáveis se enamoram.
Já o embrião espera e acontece:
Como feto propriamente se enobrece.

Ele: símbolo de tudo o que é mais natural
Solitário, dependente e enigmático
Recebe do cordão umbilical
O aprazível salário nutritivo.

Brota a semente da hereditariedade
Que se espalha na forma de genes
Como em sinfônicas progressões geométricas.
O DNA é o berço do ininteligível
Sua missão: ser infalível.
Que informa, transforma e prepara
Mais um que será diferente.

O seu nascimento é azul tropical
Como a supremacia de um gol canarinho.
Do ventre materno sai um ser diminuto
Que chora e vai...
Meu Deus, para onde?

O sonho é a afirmação mais exata do que às vezes negamos e a evidência mais abstrata do que queremos e nem sempre temos coragem de admitir. (J.G.)

O SONHO E A REALIDADE

O sonho é a imitação perfeita do desejo.

A realidade é o desejo sufocado pela razão.

A razão é a realidade disfarçada de pesadelo.

O pesadelo é o outro lado do sonho.

Sonhar é se encontrar com a sombra do subconsciente.

Estar acordado é o despertar para um novo sonho.

De um novo sonho pode nascer um nefelibata.

De uma nova realidade pode nascer uma esperança.

O sonho é que move a essência das coisas.

A realidade é que muda o coração das crianças.

Sonhar é voar como um pássaro.

Acordar é brilhar como um sol.

O sonho pode não ser utopia.

A realidade pode não ser ironia.

O sonho pode ser alcançado.

A realidade pode ser compartilhada.

Sonhar é divinizar as ideias.

Realizar tais ideias é estar acordado.

O sonho rompe a barreira do tempo.

A realidade ultrapassa os limites do espaço.

O sonho é elevado às alturas.

A realidade se expande caminhando.

Sonhar é esquecer-se da morte.

Acordar é lembrar-se que a vida se acaba.

O sonho, enfim, um dia deixa de ser sonho.

A realidade, porém, nunca deixa de ser realidade.

O TALENTO E A TÉCNICA

A técnica é o fogo nas mãos do homem.
O talento é o homem nas mãos do fogo.

A técnica vem em nome da perfeição.
O talento, em nome da intimidade.

A técnica tem a persistência que a purifica.
O talento, a sapiência que o regenera.

A técnica enriquece nos próprios erros.
O talento empobrece na própria vaidade.

A técnica é teoricamente incontestável.
O talento, inevitavelmente imprevisível.

Quem usa da técnica impressiona.
Quem usa do talento emociona.

A técnica supera o mais aguçado dos desafios.
O talento conquista o mais indomável dos corações.

A técnica aproxima o homem à máquina.
O talento o coloca bem perto dos céus.

A técnica vira tecnologia.
O talento, miraculosidade.

Da técnica vem a repetição estratégica.
Do talento, a espontaneidade soberana.

A técnica tem a ciência que a qualifica.
O talento, a arte que o consagra.

A técnica prossegue na evolução de seus conceitos.
O talento, na intuição de seus desígnios.

A técnica descansa na experiência do idoso.
O talento desperta do coração de um menino.

AMiGO

Amigo é um doce milagre de Deus
Esteio da paz, patrimônio da saudade
Sorriso milionário na surpresa da chegada
É o de fora mais de casa que existe.

Carinhoso, telepático, parafuso solto, mas é amigo
É bem-vindo o tempo todo.
Do jeito dele. Exatamente assim.
Sem os amigos, que graça teria a vida?

Há amizades tão sinceras que não morrem nunca
Ao avançar do tempo, valiosas e emblemáticas
Perpetuam-se no advento de filhos, netos e bisnetos
Futuro, presente e passado se misturam liquefeitos.

Quantas histórias contadas, revelados segredos!
O passado dos grandes amigos é uma relíquia
Ressignificada pela lealdade das confidências
Ah! Se as paredes falassem.

Conselhos de amigos são tesouros incalculáveis
Edificam, fortalecem e salvam-nos de grandes abismos.
Palavras certas precisam ser ditas e ouvidas
Amigos irmãos não têm medo de cara feia.

Sem eles seríamos mais egoístas do que já somos
A pobreza dos relacionamentos regularia a humanidade
São os laços de amizade que nos ensinam
Que a beleza do levantar é superior à tristeza da queda.

E de um abraço gostoso repete-se um ritual reafirmado:
- Aconteça o que acontecer, pode contar comigo
Se o futuro chegar apressado e a velhice se manifestar
Seremos dois amigos velhos e dois velhos amigos.

ANTAGONISMOS DA ALMA

Uma é colorida, simpática
Arrepio jocoso, puro afago
Cachoeira caudalosa do sossego.

A outra é em preto e branco
Dor e abismo, claustro, o drama
Choro, angústia e desespero.

Uma é de paz e de bonanças
Festa na casa com a família
Fé. Comunhão. Vitórias.

Outra é de guerra e de morte
E vejo valentes morrendo de medo
Desconfiança. Solidão. Derrotas.

A primeira é imensurável
Realegra e vivifica
Luz em trevas. É um milagre.

A segunda tem medidas de mortalha
Desalmada médica da morte
Opera sem anestesia.

Paz no coração é como chuva serôdia
Carinhosa e delicada
Pacífica pensamentos
Reanima atribulados
É bálsamo que desce macio.
Mas as guerras dentro d'alma: Socorro!
Como são nefastas!

LABORATÓRIO DE BORBOLETAS

Ninguém nasce borboleta
Desenvolvê-la é preciso
De repente um corpo estranho
Toma forma e a roda embala.

De conceitos e temores
Eis um ser conflituoso
Perde noites e cabelos
Seu desejo é ser feliz.

Felicidade é coisa trabalhada
Não é obra do acaso
Não é sorte, é suor, resiliência
É Deus e o homem o tempo todo.

Sem pisar nos outros
Você vai chegar
Você vai vencer
Superação é privilégio dos mortais.

Um novo dia que se abre
É a melhor de todas as respostas
Oportunidade redesenhada pelos céus
Há muita cumplicidade entre flores e borboletas.

E na antessala do futuro, enfim maduros
Aprenderemos muito com nosso passado
Nutriremos sonhos, alegrias e saudades
Nossos risos prevalecerão aos infortúnios.

Surgirá uma nova adversária:
Contagem regressiva do tempo
Inevitável e cíclica ela ensinará
Que novos medos virão.

Seremos convidados a sair da roda
Sairemos felizes pelos frutos
Passaremos a ser páginas de memórias bem lembradas
Nova roda a nossa espera, borboletas a voar.

FEIRA DE CÉREBROS

Cérebros em promoção, fregueses!
Todos com selo de desconfiança.

Este aqui, fresquinho, dois ponto zero, turbinado
Blindagem ultra resistente antimalvadeza
Não faz milagres, mas suporta donos exigentes
Na medida do possível, com refinados dotes musicais.
Talentoso

Suporta até o calor de Corumbá
Memória escandalosamente arrojada:
Lembra o que deve ser lembrado
Esquece o que deve ser esquecido.
Levemente esquizofrênico, porém sociável.

Aquele ali: reduzido de boas intenções
Perigosíssimo nas ideias políticas
Maleva
Caborteiro
Presunçoso
Preguiçoso
Mentiroso
Inteligência matemática impecável
Nunca erra contra o patrimônio
Grande revolução da engenharia biogenética.

Por encomenda, ao mês que vem
O arquétipo da evolução e do desejo
Sonhador, negociador, cientista, equilibrista
Nota dez em flexibilidade coletiva
Arrumador de confusão, de vez em quando
Com profundas inclinações para o magistério
Acostumado a sofrer fortes emoções
E desemoções também
Entre o pragmático e o filosófico
Um entrecaminho equacionável

Quem vai querer?

MEUS CINQUENTA REAIS

Meus cinquenta reais
Minha nota brejeira
Não te esqueço jamais
Pertinaz companheira.

Enxaqueca de pobre
Mequetrefe, sereia
Teu pecado me cobre
Meu perdão te rodeia.

Meu ciúme incontido
Te sustenta no bolso
Teu poder reprimido
É meu santo arcabouço.

De favores, minguado
Eu te perco chorando
Meu salário atrasado
Meu namoro acabando.

Mas de novo e no banco
Numa fila adoidada
Vai-se embora meu pranto
Volta-me a namorada.

Tão coitada e ferida
Pede abrigo em meu peito
Eu te aceito, bandida
E contigo me deito.

SUJEITINHO DESOBEDIENTE

Diminutivo de salário mínimo?

É melhor não responder

O mínimo do mínimo soa redundância

Fiquemos com as crianças a cantar.

Dinheirinho, dinheirinho

Você é meu amiguinho

Fique aqui no meu bolsinho

Coitadinho. É tão pobrezinho.

Mas no mundo dos adultos não merece musiquinha

Sujeitinho desobediente

Tão rebelde e transgressor

Que se hospeda no bolso das pessoas.

Acalentou namoros

Sabotou esperanças

Usurpou saudades

Devotaram-lhe sorrisos de alegria e de fé.

Estampou monarcas

Espalhou doenças

Separou casamentos

E em seu nome comprou os votos dos indiferentes.

Enganou amigos

Promoveu desigualdades

Tentou calar as vozes dos injustiçados

Derrubou governos e passou a governar corações.

Deu microgotas de esperança
Iludiu jovens desavisados
Patrocinou medos, arremedos e desafetos
E até sacramentou promessas.

Ah! Mas essas promessas!
Dissimuladas. Em vão juradas.
Foram feitas pelo criador do dinheiro
E agora: ironia debochada rindo de nós.

CONFUSÃO NA PRACINHA DA NOVA CORUMBÁ

Sexta-feira preguiçosa
Numa praça da cidade
Belo tempo, só de brisa
Sem nenhuma novidade.

Eis ao largo um ser garboso
Refinado e de Coxim
Xis Ípsilon: o seu nome
Comedido um tanto assim.

Foi cruzando o seu caminho
Atraindo o novo fã
A mais linda e perigosa
Lá das bandas do Guanã.

Ele pede aos seus amigos
Coração em chama acesa
- Qual o nome desta joia?
Vejam só, mas que princesa!

- É Xis Xis como lhe chamam
Disse um velho camarada
- Só cuidado é o que lhe peço
Que essa é desventurada.

De beleza e formosura
Era dela a grande fama
Rejeitava pretendentes
E do amor montava um drama.

Ante a dama enamorado
Dedicou-lhe dois presentes
Preciosos, delicados
Dois brinquedos para os dentes.

Tão feliz e agradecida
Não se coube de encantada
Devolveu-lhe olhar matreiro
E uma breve suspirada.

Convenceu-se de certezas
E sentiu-se poderoso
Mas seu primo ali chegava
Um sujeito cabuloso.

Enxerido e descomposto
Roubador de corações
Era o primo que ele tinha
Na melhor das intenções.

Já no embalo do atropelo
Do momento e apoderado
Não deu nada e ganhou tudo
Novo amor configurado.

Tão querida e quão confusa:
Dois amores num só dia.
Resguardou-se no direito
De escolher a quem queria.

Mui bonito e generoso:
Atributos do primeiro.
Mas é o outro que prefiro
Com seu ar de maloqueiro.

Engolido pela raiva
Dinamite da emoção
Reclamou o rejeitado
Protestou satisfação.

Violentos em conflito
Valentão por todo lado
Foi-se a calma sexta-feira
Perigoso: o céu nublado.

Mas estavam sem coleira
Foi chegando a carrocinha
Foi prendendo os bagunceiros
Fuga em massa na pracinha.

ZUBVIDA CRUEL

À beira da calçada
De uma casa descansada
Um mísero ser
Está prestes a morrer.
Ninguém quer o socorrer
Ninguém quer se envolver.

Seu primeiro cobertor
Fora um saco de lixo
Frente a tanto dissabor
Ele até parece um bicho.

Escuta-se à distância
Um barulho alarmante
É a fome que em constância
O transforma em ruminante.

Trafega em suas veias
O sangue de injustiçadas origens.
O seu mar não tem sereias
E seu lar só tem vertigens.
Isolado pelo mundo
Que o chama de imundo
Ele prova que é indefeso
Quando chora o seu desprezo.

Entre o suor e a doença
Sua voz leva à descrença
De poder sobreviver
Até o dia florescer
Miséria, tão séria, o tomou
Matéria à matéria voltou.

Como inseto ele dorme
Raquítico e sem coração
Sua roupa é seu uniforme
Seu salário foi morrer pelo chão.
É preciso falar
É preciso gritar
Que o mundo precisa mudar
Só Jesus poderá transformar!

O AMIGO DO HOMEM

Enobrece, Senhor
Este limitado coração.
Perdoa o meu passado.
Abençoa o meu presente.

Entrego-Te a plenitude do meu futuro
A minha vida
A vida dos meus filhos
E a dos filhos de meus filhos.

Guia-me com a voz da tua Palavra
Orienta-me na direção de teu propósito
Dê saúde aos meus pais
E bem-aventurança aos meus irmãos.

Que eu possa dar graças
Por aquilo que sou e serei
Por aquilo que tenho e terei
E ao que não vi, mas verei.

Que o Teu Nome abençoe o meu nome
E o meu nome não negue o Teu Nome.
Preciso mudar, não posso ficar.

Ficar eu não posso
Na paz de mentira
No encanto do mundo
E nos risos do engano.
Que não seja profano
O meu corpo, teu templo.
E que seja a teu tempo
O mister de teu plano.

Delibera a tua graça
Manifesta tua força
Considera a minh'alma
O suspiro da corça.

E o que eu quero que seja
Não seja o que eu quero.
E que seja o que eu quero
Se meu Deus o deseja.

BONIFRATE

O Evangelho transforma
O menino observa
O homem duvida
Deus se revela
O homem se rebela.

A vida foge do homem
O homem foge de Deus
E cativo dentro de si
Apanha, mas não aprende
Erra, mas não se convence.

Seu coração é duro demais!
Quer ser seu próprio deus!
Mesmo que morra por isso
Duvida até o fim
É pedra até o fim
E foge e mente e sofre e sente
Mas não se entrega
Não se entrega a Deus.

Sua pseudoliberalidade está exposta
Libertina e mentirosa que deturpa
Como praga de insetos que aproxima
Seus problemas se aglomeram a cada instante
E daquilo que fizera sem cautela
Já lhe surgem as primeiras consequências.

Limitado na escuridão que assola
Ouve-se de um lamentar a causa
Das entranhas do interior que pulsa
E volta à memória a iniquidade horrenda.

Sua vida é um catastrófico chão
Chão pedregoso de conceitos
Que nem você próprio os compreende
Pensa que sabe, mas não sabe
Pensa que pode, mas não pode
Tem medo de si próprio
Sua sombra dia a dia o condena
E do pecado ignora seus efeitos.

Seu pior adversário está posto do seu lado
Você olha, mas não enxerga
Tem ouvido, mas está debilitado
E a sua língua: tirana, ufana, profana
Palavras estranhas rebeldes.

Cabisbaixo na sonambulice desventurada
Contempla os estragos do infortúnio
De embebidos prazeres traiçoeiros
De fugazes prazeres mordazes
Correr já não pode
Sorrir já não sabe
Amar já esquecera.

Sua cor é a cor do desespero
Você sabe, mas não admite
Você teima, você luta, você chora
Mas não encontra a saída.
Onde estão seus amigos?
E a sua boemia?
Sua filosofia?
Quase morto tem o seu diagnóstico:
É a Síndrome da Autossuficiência Compulsiva
Em estágio degenerativo avançado.
Então se começa a ouvir vozes
Uma tão sinistra lhe sussurra:
- Aprecia a sua desgraça!
- Não há mais solução!
- Você é o meu bonifrate!
E outra voz lhe encoraja dizendo:
- Ah! Meu filho, veja o que restou.
- Não chore mais!
- Eu sou o Deus da misericórdia!

Indeciso você fica
Empobrecido de palavras
Titubeia na emboscada
Como presa enclausurada
E caído com medo de tudo e de todos
Assombrado pelos seus fantasmagóricos delitos
Você brada em alta voz:
- Eu não sou bonifrate!
- Eu não sou bonifrate!
Mas você é, e reluta, e pensa e pensa e pensa ...
Ah! Coração orgulhoso, até quando?
Você precisa de Deus!

JOSELMA

Quando Joselma nasceu
Corumbá mais bela ficou
Muitos anjos cantaram no céu
Muitas rosas dançaram no ar.

A menina Joselma cresceu
Sua infância passada deixou
Como noiva que tira seu véu
Como a coisa mais linda do lar.

A Jesus ela conheceu
Sua vida a Ele entregou
Como tinta que sai do pincel
Mas depende de alguém pra pintar.

Quinze anos, milagre o maior
Alegria perene estampou
Como abelha que vê no seu mel
Recompensa por tanto lutar.

Com a graça de Deus para si
Seu sorriso moreno encantou
Como um brilho de pedra de anel
Como a lua está para o mar.

PALOMA

Microssomos em cadeias combinadas
Deram forma e elegância definida
A beleza nunca dantes conhecida
Visitou-nos ofuscando as mais faladas.

Não bastasse o belo nome de Paloma
Com o pê de Paraíba, de Pereira
Na saída desta terra pantaneira
Roseirais os quantos mais, cadê o aroma?

Sou destarte teu poeta apaixonado
Viajei de Corumbá a São Raimundo
Mas confesso: nunca houvera em nosso mundo
Tal donzela qual beleza se igualado.

São teus olhos pirilampos que me guiam
Teus cabelos como a seda mais brilhosa
Tua boca, minha joia preciosa
Tuas palavras meus problemas aliviam.

Dentro em ti as qualidades são milhares
Meu Jesus é teu Jesus, o que te guia
Tens a graça, vero amor e alegria
E aos encantos me deleito em teus olhares.

Poderia delirante e contemplado
Mil prazeres, mil mulheres ter comigo
Mas feliz eu não seria, só contigo
Quero a minha paraibana ao meu lado.

MULHER

Mais encantadora que a lua ao iluminar a noite
Grande presente de Deus aos homens
Companheira, amiga, irmã, conselheira
Desafiada nas Sagradas Escrituras a ser virtuosa
Que homem poderia se esconder de uma mulher?

Imaginemos o mundo sem o charme das mulheres
O charme que encanta no perfume, no embalo da voz
E na maneira de mexer nos cabelos
Que seria do homem sem a mulher?

Imaginemos o mundo sem o palpite feminino
Que desde cedo já começa:
Observemos como as meninas persuadem os meninos

Imaginemos o mundo sem a beleza das mulheres
Seria como as palavras sem a poesia

Imaginemos o mundo sem o suspiro das mulheres
Seria como a música sem o som

Imaginemos o mundo sem o piscar de olhos de uma mulher
Seria como a inteligência que encanta
Sem o coração que seduz

Imaginemos o mundo sem o sorriso feminino
Seria como não ter as cores

E sem as cores que graça teriam as flores
E os amores pintados em aquarela?
Lindo é o teu olhar
Maravilhoso é o teu amar
Admirável é o teu sorriso
Raro, sincero e preciso
Sofrer como tu ninguém quer
Pois és hoje e eternamente serás: MULHER.

VIDA DE MARIA

Maria Leopolda

Maria Madalena

Maria Malvadeza

Maria Quebrantina

Maria Petronilha

Maria Rockefeller

Maria Brasil

Maria do Bicho

Maria do Morro

Maria do Socorro, que não socorre a ninguém!

Maria da Esquina

Maria do Gole

Maria Fulana

Maria do Tranco

Maria do Beijo

Maria do Brejo

Maria do Baile

Maria do Fusca

Maria Pacu

Maria sem vergonha de ser Maria.

Maria da Lapa
Maria da Lata
Maria da Chipa
Maria Grevista
Maria dos Acervejados
Maria da Praça
Maria da Ponte
Maria do Chico
Maria Nissei
Maria, não sei se amaria.

Maria Encrenqueira
Maria Pipeira
Maria da Feira
Maria Guerreira
Maria da Fila
Maria do Lar
Maria do Mar
Maria, minha dona
Maria Pidona
Maria não pode casar.

Maria do Saco
Maria do Soco
Maria do Suco
Maria Mandioca
Maria do Além
Maria do Amém
Maria de Ninguém
Maria de Zé Qualquer
Filha de Zefa Cheira Cheira
Que não é Maria, mas é como se fosse.

Maria do Cinto
Maria do Quinto
Maria do Pinto
Maria de Jacinto
Maria Sete Facadas
Maria Sabichona
Maria Solteirona
Maria dos Pecados.
De noite, de tarde, de dia
Maria, sempre Maria.

AZ PROFUNDEZAZ DO AMOR

O amor preenche a falta
No coração que espera
E se o tempo o maltrata
Ele nunca desespera.

Os amores são guerreiros
De batalhas tenebrosas
Mas também são companheiros
De lembranças desejosas.

O amor escuta os gritos
Do coração que chora
Ele atende a seus gemidos
Ordenando a irem embora.

O amor acende as luzes
Quando tudo se apaga
Ele até carrega as cruzes
Quando a festa se acaba.

O amor tem seu perfume
Que ao vento não se exala
É sincero e sem ciúme
E sua força não se abala.

O amor aquece o ninho
Do casal que nele mora
Segue em paz o seu caminho
Rejubila e se aprimora.

Se ele em si não se corrompe
Como pode em seu mistério
Onde luz não se prorrompe
Ser calor e refrigério?

POEMA DA MULHER ABANDONADA

Futuro: outros ventos, nova sorte
Da fé que se revela e se devota.
Quem sempre sorriu sem ter chorado?
Quem nunca jurou sem ter certeza?

Ficaste sem consolo e abandonada
Perdeste a juventude e a confiança
O nó que acotovela tuas memórias
Desvenda teu passado malditoso.

O braço de abraçar que te conteve
Dos bens imerecidos desta vida
Vindica por momentos mais felizes.
Precisas te entregar a quem merece.

Moroso chega o senso, vai-se o engano
Mas temes teu maior pressentimento.
Um dia, poderosa e destemida
Agora uma mulher desventurada.

E as promessas impossíveis que se foram?
E o beijo que da boca se escondeu?
E a esperança no olhar que lacrimeja?
E o carinho superado pela dor?

Orgulho: este mal que protubera
É uma praga que avassala e te fraqueja.
Confia nesta mente que te aceita
Entrega-te a este peito que te ama.

MENINO DA PIPA

Menino da pipa
Brincando no campo
Fiel, concentrado
No chão de capim.

Seu corpo franzino
Pinguinho de gente
Com mente de lobo
Pedaço de mim.

Um olho que rege
Protege a que é dele
Um outro que sonda
Cuidado, guri!

Empina contente
Com graça e leveza
Que vida gostosa
Tão dono de si.

Ridente e embalado
Com as pipas dos outros
Ao fisgo dos ventos
Regrado, toreia.

É minha, é minha
Gritando teimoso
Tão rico de risos
Cabelos de areia.

A mãe lhe chamando
Com voz de sirene
Seu tempo esgotado
Que pena, tadinho!

Valeu, gurizada
Saúda o menino
Batendo no peito
O rei do campinho.

ARANHA CARANGUEJEIRA

Aranha caranguejeira peludona poderosa
Sempre armada, sempre aranha
Bicha preta perigosa.

Jubilosa e enclausurada
Plutocrata dos insetos
Minha doce namorada.

Amuleto de hipnose
Desgraçada, traiçoeira
Implacável por osmose.

Peregrina aburguesada
Fogueteira dos desejos
Taciturna idolatrada.

Impudica, indomável
Criatura meditante
Meu pecado inevitável.

Belicosa por vontade
Patronesse do arremedo
Minha aranha de verdade.

Minha história inusitada
Minha vida na parede
Minha preta mais amada.

O BEIJO

Beijo é neve que queima o desejo
É o fogo secreto da mente
Inevitável osmose congênita
Fenômeno do gelo e degelo.

A boca é o templo sagrado do beijo
Fortaleza de resquícios de saudade
Abre ao querer sem querer
Fecha ao querer sem poder.

Ele mora na boca do livre desejo
Dorme na língua do esforço
Desperta dos lábios de alguém
E faz-lhe devoto e profano.

Deixa o sábio eloquente sem palavras
Torna o homem fraquejante destemido
A mulher mais comedida perigosa.
De um beijo, uma bomba poderosa.

Compra e não paga, paga e não leva
Leva e não usa, usa e não gasta.
Brota não sei de onde, chora não sei de que
Faz o que não quero, termina não sei por quê.

ARCO DO BEIJO

Só beijo Sobejo Só beijo Sobejo Só beijo Sobejo Sobejo Sem beijo.

OZMOZE BILABIAL

Beijo carente
Beijo valente
Beijo dizente
Beijo descrente
Beijo dos anjos.
Telepático
Bombástico
Sem juízo
Supremo beijo.
Beijo desesperado
Beijo profundo
Beijo marcado
Beijo premeditado
Beijo sufocante
Beijo picante
O quase beijo.
Perigoso
Indecente
Enclausurado.
Beijo de janela
Beijo de novela
Beijo que revela
Beijo de mulher-objeto voador não identificado.
Beijo furacão
Beijo contramão
Beijo de irmão
Beijo da redenção.

Inseguro
Prematuro
Beijo sem futuro.
Beijo selvagem
Beijo da loba
Beijo da boba
Beijo que açoita
Beijo na moita
Beijo cauteloso
Beijo adormecido
Beijo proibido
Beijo inibido
Beijo prometido
Beijo do inimigo.

II

Beijo. Quem não quer?
Beijo de Janete
Beijo de Bete
Beijo de Gorete
Beijo de Fernanda
Beijo de Michele
Beijo de Laurinha
Beijo de Paola
Beijo de Luana.
Com malícia
Que delícia
Beijo de Letícia.
Beijo de Simone

Prima de Vanessa
Filha de Joana
Tia de Rosana
Como ela me ama!
Beijo de cobra
Beijo que sobra
Beijo-te sogra
Beijo de Neuza
Beijo de Cleuza
Beijo da amiga da mulher do meu patrão.
Beijo de Nátia
Beijo de Kátia
Beijo na jaula
Beijo de Paula
Beijo de Daniela
Beijo de Gabriela
Beijo de Juliana
Beijo de Eliana
Beijo de Danille
Beijo de Camille
Beijo de Suzi
Beijo de Luzi
Beijo de Dora
Beijo de nora
Beijo por carta
Beijo de Marta
Que ficou pra titia
Que não sabe beijar.

III

Beijo de mestre
Beijo de teste
Beijo da peste
Beijo doidão
Beijo do Abrão
Beijo do negão da meia-noite
Beijo tuberculoso
Beijo do Dito
Beijo maldito
Beijo de Judas
Beijo do Seba
Beijo do Nunes
Beijo do Antunes
Beijo no escurinho
Beijo do Jacozinho
Beijo do meu filhinho.
Beijo de adeus
Beijo dos ateus
Beijo de linguada do cachorro.
Inesquecível
Inevitável
Indefinível
Beijo incomparável.
Duvidoso
Demorado
Desregrado
Beijo adiado.
Beijo de Platão

Beijo de Adão
Beijo do facão
Beijo do três-oitão
Beijo de velório
Beijo do Tenório
Beijo, o suborno
Beijo que é morno
Beijo do corno.
Beijo do André
Beijo do Né
Beijo do Zé
Que ficou de bobeira
Que morreu sem beijar.

IV

Beijo, o drama
Beijo na lama
Beijo da dama
Beijo filosófico
Beijo na chuva
Beijo na cozinha da vizinha
Beijo com pimenta
Beijo que arrebenta.
Impossível
Rejeitado
Perseguido
Maltratado
Beijo consagrado.
Beijo esquisitote

Beijo no cangote
Beijo pedido
Beijo perdido
Beijo impedido
Beijo dos sonhos
Com vontade
Sem maldade
Beijo de fidelidade
Beijo rico de mistério.
Indescritível
Indecoroso
Beijo terrível
Beijo teimoso
Beijo roubado
Beijo escondido
Beijo encantado
Beijo querido
Beijo gelado das ideias
Beijo da liberdade
Beijo das ilusões
Beijo de misericórdia
Beijo acidental
Beijo fatal
Osmose bilabial
Beijo que não deixa de ser beijo
Resignado a viver em vão
Predestinado a ser eterno.

CIÚME

Ciúme: dúbio vento, letocrime
Algoz a que por ti me faço herege
Este inimigo infame que protege
Esta vaidade minha que me oprime.

Já foi tua confiança retirada
Mas eu que de ridente a desgostoso
Se pois que de certeza és duvidoso
Receba a vida minha dedicada.

É febre n'alma, insano frenesi.
Quem perde da esperança o privilégio
Retoma como seu sem ser de si.

Mas voa feito a ave colibri
E ganha por destino o sortilégio
E canta como o faz o bem-te-vi.

SOBRE O AUTOR

José Gomes Pereira é professor de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa na Rede Municipal de Educação de Corumbá-MS. Leciona na Escola Municipal “Dr. Cássio Leite de Barros” e também na Escola Municipal “Clio Proença”. É mestre em Letras pela UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) e estudante de doutorado pela UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora). É membro e presbítero da Igreja Presbiteriana Betânia em Corumbá. Aprecia desde a meninice a literatura de um modo geral, os escritores locais, bem como as demais manifestações culturais do povo brasileiro.



PUBLIQUE SEU E-BOOK COM A GENTE!

Letraria 



BROCOTOZÁ DE INCERTEZAS

Letraria 